

counts, normal prothrombin and thrombin time but increased activated partial thromboplastin time (APTT ratio 1.62). Mixing study results showed APTT correction. Factor VIII coagulant activity (FVIII:C) was 12% but no inhibitor was detected. Von Willebrand factor antigen (vWF:Ag) was 10% and ristocetin cofactor activity (vWF:RCo) was 3%, with a vWF:RCo/vWF:Ag ratio of 0.3. Given the absence of previous personal and family history of bleeding and the diagnosis of MGUS, the diagnostic hypothesis of AWVS was made. To confirm this hypothesis, we performed a recovery test after infusion of von Willebrand factor (vWF 50 UI/kg), which results were suggestive of increased vWF clearance. The patient required treatment only after three years of AVWS diagnosis due to severe lingual hematoma. She was treated with two units of packed red blood and immunoglobulin (0.4g per kg for five days), with successful bleeding control. vWF:Ag, vWF:RCo and FVIII:C levels were also increased but returned to baseline values after three weeks. Because the patient was scheduled to undergo a kidney transplantation and the high risk of bleeding could lead to graft loss, it was decided to treat the MGUS-associated AVWS. She was treated with three cycles of dexamethasone 20 mg and cyclophosphamide 300 mg with no response. A second line treatment was started with dexamethasone 12 mg and bortezomib 1.5mg/m² for a total of five cycles. After the end of the treatment, APTT, vWF:Ag, vWF:RCo results normalized and monoclonal paraprotein was eradicated. The patient was submitted to a kidney transplantation without bleeding complications. Two years after the end of the treatment, she remains in remission, with undetectable monoclonal paraprotein and normal coagulation and VWF tests. **Discussion and conclusion:** MGUS-associated AWVS is a rare bleeding disorder, and few data is available on the best treatment approach. We reported a case that transiently responded to immunoglobulin. This response, however, was not sufficient to warrant hemostatic levels of vWF required for kidney transplantation. Treatment of MGUS with bortezomib and dexamethasone led to eradication of the M-spike and normalization of the coagulation parameters. This response was durable, as the patient remains in remission of both MGUS and AWVS two years after the end of the treatment. This particular case highlights the importance of treating the underlying cause of the coagulopathy once the remission of AVWS only occurred after monoclonal gammopathy was controlled.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.468>

EXPERIÊNCIA NO SEGUIMENTO DE PACIENTES COM HEMOFILIA A EM PROFILAXIA COM EMICIZUMABE APÓS FALHA NA IMUNOTOLERÂNCIA: UMA SÉRIE DE CASOS

MAF Cerqueira, YVT Xavier, EG Oliveira, MP Santana, BE Alves, DBPS Costa, KN Almeida, LIPF Filho, AEDNL Rocha

Centro de Hematologia e Hemoterapia do Piauí (HEMOPI), Teresina, PI, Brasil

Objetivos: Descrever o perfil de eficácia e segurança do uso de emicizumabe na profilaxia de pacientes com hemofilia A acompanhados em hemocentro de referência, após falha de imunotolerância. **Material e métodos:** Foram incluídos 07 pacientes com hemofilia A e inibidores de alto título, que concluíram o Protocolo Brasileiro de Imunotolerância em hemocentro de referência e tiveram falha de resposta ao final de 33 meses de tratamento. **Resultados:** Os pacientes do estudo são exclusivamente do sexo masculino, entre 11 a 71 anos de idade e título médio de inibidor de 195,2 UB ao término da imunotolerância. Estão em uso de emicizumabe há $34,6 \pm 4,23$ semanas. A taxa de sangramento anual antes da profilaxia foi de 3,3. Desde o início da utilização de emicizumabe, os participantes não tiveram sangramentos. Apenas 01 paciente apresentou reação local leve no sítio de aplicação do medicamento, sem outros eventos adversos relatados. **Discussão:** Emicizumabe é um anticorpo monoclonal que liga o fator IX ativado ao fator X para restaurar a função do FVIII ativado. No Brasil, seu uso foi aprovado para utilização em pacientes com hemofilia A congênita e inibidores clinicamente persistentes, após falha ao tratamento de imunotolerância ou recidiva de inibidores. Em quatro estudos clínicos realizados para avaliação de eficácia, incluindo crianças e adultos, verificou-se redução na taxa anual de sangramentos para níveis próximos de zero. De forma geral, o produto é bem tolerado e os eventos adversos mais frequentes são reações no local de aplicação (até 21% dos casos), cefaleia e artralgia. Durante as pesquisas iniciais, foram descritos casos de microangiopatia trombótica e tromboembolismo venoso quando realizado o uso conjunto de complexo protrombínico ativado, além do desenvolvimento de anticorpos neutralizantes. **Conclusão:** A profilaxia com emicizumabe demonstrou ser eficaz e segura na casuística avaliada. Maiores estudos são necessários para avaliação de benefícios e riscos a longo prazo em outras populações, bem como análise de farmacoeconomia comparativa em relação ao programa de imunotolerância.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2022.09.469>

COAGULOPATIAS RARAS: PERFIL CLÍNICO E LABORATORIAL NO ESTADO DE PERNAMBUCO

MF Pereira^a, MDBPLV Lima^b, AMMS Ferreira^b, BCFV Pires^b, DF Santos^b, VKA Lima^c, MV Diniz^d, AP Silva^d, MAC Bezerra^{c,d}, BLD Hatzlhofer^a

^a Departamento de Ciências Farmacêuticas, Centro de Ciências da Saúde (CCS), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

^b Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco (HemoPE), Recife, PE, Brasil

^c Centro de Biociências (CB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

^d Programa de Pós-Graduação em Genética, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil